



<http://raf.emnuvens.com.br/>

CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE FRACASSO ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESCOLA E APRENDIZAGEM

Marcella Thaiane de Lima Silva^{1*}

¹ Docente do curso de Pedagogia na Faculdade FACOTTUR, Mestra em Educação
*Autor(a) para correspondência – e-mail: marcellalimas2@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como propósito compreender as representações sociais de escola e aprendizagem das crianças em situação de fracasso nos ciclos de aprendizagem. Resulta de uma pesquisa qualitativa realizada em quatro escolas públicas de Recife. Utilizou-se como instrumento de coleta a observação e a entrevista e para tratar o conteúdo recolhido, fez-se uso da análise de Bardin. Os resultados desta pesquisa permitem afirmar que crianças em situação de fracasso escolar, de modo semelhante aquelas que obtêm sucesso, ensejam um tratamento pedagógico adequado, valorizam as atividades e aprendizagens escolares, bem como depositam grandes esperanças na escola e em seus professores.

Palavras-chave: fracasso escolar; escola; aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to understand the social representations of school and learning of children in situations of failure in learning cycles. It results from a qualitative research carried out in public schools in Recife. The observation and interview were used as a collection instrument, and to treat the collected content, Bardin's analysis was used. The results of this research allow us to affirm that children in a situation of school failure, similarly to those who are successful, require an adequate pedagogical treatment, value school activities and learning, as well as place great hopes on the school and its teachers.

Keywords: school failure; school; learning.

INTRODUÇÃO

O regime de ciclos de aprendizagem, implementado na rede municipal de Recife em 2001, vem sendo representado pelos professores de maneira negativa, centrado na retenção e, nas representações desses professores, os alunos

permanecem na escola, mas nela não conseguem aprender. (MACHADO, 2007; MACHADO & ANICETO, 2010). Dando continuidade a investigações já realizadas a presente pesquisa procura compreender as representações sociais de escola e aprendizagem das crianças em situação de fracasso nos ciclos

de aprendizagem. Este relatório apresenta resultados parciais da referida investigação.

Os ciclos de aprendizagem se apresentam como um novo modo de organização da escola que busca romper com a lógica de exclusão, comum ao regime seriado. Constituem uma forma de reduzir a seletividade e representam uma alternativa de democratização do ambiente escolar e do acesso ao conhecimento. A nova organização foi introduzida a fim reorganizar o espaço escolar respeitando o tempo de aprendizagem dos educandos.

A organização do sistema de ciclos no Brasil está vinculada ao interesse de vários estudiosos da educação brasileira em buscar formas de reduzir o fracasso escolar. Está alicerçada nos debates sobre a problemática da exclusão escolar e o interesse de encontrar soluções para o constante problema da repetência e da distorção idade/série na educação básica.

No Brasil, várias iniciativas de construir alternativas para o sistema seriado foram experimentadas para por fim a retenção. As de pequena abrangência, criadas a partir da década de 1950 e programas de maior abrangência como o Ciclo Básico de Alfabetização-SP (MAINARDES, 2007 p. 99).

O Ciclo Básico de Alfabetização consistiu na condensação dos dois primeiros anos em apenas uma unidade de maneira a garantir a aprendizagem de modo contínuo, sem retenções.

O projeto tinha como um dos objetivos principais a redução do índice de evasão escolar. “ Na época houve muitas discussões, apoios e críticas à proposta, tanto nas escolas e delegacias de ensino quanto no âmbito da sociedade” (DURAN, 2003 p. 59)

A experiência do ciclo básico de alfabetização, em São Paulo, estimulou mudanças na organização escolar do país. Nos anos 1990 a experiência com regimes escolares mais flexíveis se espalha por várias redes de ensino do Brasil e os ciclos ganham mais força. A atual Lei de Diretrizes e Bases Nº 9394/96 incorpora essa possibilidade e ao afirmar no artigo 23: “A educação básica poderá organizar-se em ciclos, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do ensino aprendizagem assim o recomendar.”

Reitera-se que os ciclos constituem uma possibilidade maior e mais flexível de reorganização do tempo e espaço escolar; respeito aos processos individuais de aprendizagem dos alunos e erradicação da repetência, tendo como principal meta garantir ao público da educação básica, prosseguir os estudos com um tratamento pedagógico mais apropriado.

Há diferentes modalidades de organização em ciclos (ciclos de formação, de aprendizagem). A

proposta da cidade do Recife, local em que se realizou a pesquisa, reconhece e adota os ciclos de aprendizagem. Segundo esta proposta (2002), o ensino fundamental está organizado do seguinte modo: primeiro ciclo com duração de três anos, com a matrícula inicial de crianças aos seis anos e três ciclos posteriores, com duração de dois anos. Ao final dos ciclos de dois ou três anos os alunos que não atingiram as devidas competências do ciclo podem ser retidos.

Conforme o prescrito, a referida proposta (2002), toma como alicerces a reorganização do espaço, do tempo escolar e da prática pedagógica, em um processo contínuo que considera as particularidades dos indivíduos e a interdisciplinaridade. Delineada desta forma, a escola contribui para o reconhecimento da diversidade cultural e os estudantes passam a repensar o mundo.

Mainardes (2001) enfatiza que a organização da escolarização em ciclos tem implicações positivas e negativas. Como positivas destaca: a necessidade de se repensar a escola, suas práticas avaliativas, conteúdos curriculares e trabalho pedagógico; agiliza o fluxo escolar dos alunos; descongestiona o sistema possibilitando o ingresso da população que está fora da escola; garante aos alunos maior tempo de permanência na escola, elevando a média de escolaridade; exige maiores recursos para a educação a fim

de garantir as condições adequadas; sugere mudanças na percepção das famílias, que passam a se preocupar não apenas com a aprovação, mas com o conhecimento que seus filhos adquirem na escola.

Em relação às implicações negativas dos ciclos, o referido autor pontua: ser utilizada apenas como solução formal para diminuição dos índices de repetência, sem com isso elevar a qualidade do ensino; a descontinuidade das políticas e a falta de sustentação podem acarretar danos maiores para a escola e os alunos e a falta de um trabalho coletivo e projeto pedagógico bem definido podem inviabilizar a proposta.

Enfim, os ciclos de aprendizagem provocam mudanças na compreensão de ensino, aprendizagem, avaliação e do tempo pedagógico. Isto implica em um maior comprometimento de todos os que compõem o cenário escolar. No município do Recife a despeito dos ciclos de aprendizagem, problemas como o fracasso escolar persistem. Reconhecendo essa problemática, esta pesquisa centra sua preocupação em compreender as representações sociais de escola e aprendizagem das crianças em situação de fracasso nos ciclos de aprendizagem.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo é de natureza qualitativa. Pesquisas dessa natureza envolvem a obtenção de dados descritivos, obtidos no

contato direto do pesquisador, o que é demandado pela situação a ser estudada. Esta abordagem enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LUDKE & ANDRÉ, 1986). Desse modo é relevante que o pesquisador esteja atento para apreender os significados que os indivíduos atribuem aos fatos que ocorrem em campo.

Em virtude de termos como objetivo para este estudo as representações sociais de escola e aprendizagem entre crianças em situação de fracasso escolar nos ciclos de aprendizagem, selecionou-se como campo de pesquisa escolas municipais de distintas Regiões Político Administrativas (RPAs) do município Recife. O estudo foi desenvolvido em duas fases interdependentes.

Inicialmente, fez-se a consulta a uma lista de 336 escolas e seus respectivos endereços, adquirida junto à Secretaria Municipal de Educação. Em seguida, escolheu-se três escolas que atenderam ao critério: apresentar diferentes Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEBs) em 2011. Na etapa seguinte manteve-se contato com a equipe gestora dessas instituições. Solicitou-se aos gestores que indicassem professores que aceitassem a realização de observações em suas turmas.

Encerrada a primeira etapa de coleta de dados empíricos, realizou-se uma entrevista em profundidade com um grupo de alunos para captar melhor suas

representações sociais de ensino, escola e história de fracasso escolar. Nessa segunda etapa, retornamos às duas escolas selecionadas para realizar as entrevistas. Nessa ocasião, solicitamos a permissão dos coordenadores pedagógicos, para a realização das entrevistas. As entrevistas com estas crianças foram realizadas nas duas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1997). Este método baseia-se na interpretação pessoal do pesquisador. Cabe a ele explicitar o contexto dentro do qual se analisam os dados. Essa perspectiva permitiu apreender as regularidades dos discursos e o posterior agrupamento em categorias. Conforme a referida autora, categorias são rubricas ou classes as quais reúnem um grupo de elementos sob título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

Nas entrevistas realizadas foram feitos em torno de quinze questionamentos às crianças. As indagações estavam relacionadas à escola e as aprendizagens que nela se desenvolvem. De maneira geral as crianças participantes responderam a contento o que foi perguntado.

Os depoimentos dos participantes foram analisados

com base na teoria das representações sociais tentando captar os sentidos, as nuances e significados de fracasso escolar nos ciclos de aprendizagem. Salientamos que nesta etapa, as nossas questões de pesquisa foram retomadas na tentativa de respondê-las. Chegamos as seguintes categorias: **Escola lugar de aprendizagens e perspectiva de futuro a partir da escola.**

a) Escola lugar de aprendizagens

No universo consensual das crianças entrevistadas são partilhadas vários sentimentos interpretações e significados para com o estar na escola, ou freqüentar a instituição escolar. Em suas falas ganharam destaque: a possibilidade de aprender a ler, escrever, estudar matemática, copiar, brincar, lanchar, participar de festas, pintar, colar. As crianças comentaram:

[...] gosto de vir para a escola ... Para aprender a fazer as tarefas de pintar, colar e contar e copiar." Roberta

A escola é muito bom pra mim, porque eu gosto demais daqui da escola, gosto de todo mundo daqui, gosto da professora, gosto também da merendeira, gosto da diretor ... (Bruno)

[...] aulas de Matemática, porque em matemática eu sou bom, tem muita conta tem muita tarefa do quadro pra fazer, por que eu sei fazer tudo lá [...] As coisas que a gente faz aqui na escola são muito legais, a gente ler e escreve também. (Ricardo)

[...] estudar e aprender.. é bom pra brincar e pra fazer um monte

de coisa, pra ler, pra aprender a estudar, ir pra informática, ir pra diretoria, pra biblioteca, pra o pátio, eu gosto muito de tudo isso, por isso é bom... Alexandre

Gosto mais de [...] Matemática porque é bom legal e porque as crianças estudam... (Manuela)

[...] estudar pra ficar fazendo coisa no caderno e vindo pra cá estudar. Fazer tarefa, mas de manhã faço karatê, na sala... é fazer a tarefa mesmo... (Felipe)

Quando se referem às aprendizagens escolares as crianças destacam os componentes curriculares que mais aprendem, a sala de aula como espaço de maiores aprendizagens, porém outros espaços como a sala de informática e o programa mais educação são tomados como espaços de aprendizagem. As crianças afirmam:

Aprendo Matemática, Português e outros... Matemática e Inglês. Na sala. porque a professora ensina, ela manda fazer tarefa e depois responde. [...] A professora ensina, dá livros pra ler, vai pra sala de computação, vai pra sala de vídeo, a professora também ensina o que é e como aprende a ler, como aprender a escrever, como fazer o alfabeto. (Caroline)

Eu aprendi matemática e também a ler, que as mulheres ensina pra gente, com uma coisa que.. como é que é o nome, eu não lembro agora, mas a gente aprende na escola (Mariana)

Português e Matemática. Aprendo no Mais Educação. Que é no pátio. A gente pode ficar brincando lá. (Felipe)

Do que foi dito pelas crianças sobre a escola pode-se depreender uma saliência de representação social positiva e coerente com os princípios e funções dessa instituição. Compreende-se saliência como a alta frequência ou presença dessas menções positivas à escola e suas funções no contexto social, as possibilidades que abre para o sujeito que a ela tem acesso. A instituição é tomada como o lugar de se adquirir, ou construir os conhecimentos acumulados pela humanidade.

Evidentemente que, por estarem em processo inicial de escolarização, as crianças enfatizam as atividades a quais mais estão expostas em seu cotidiano escolar, como ler, fazer operações matemáticas e copiar. “Escola é pra ler, pra desenhar e pra trabalhar, passa pra pintar...” (Alexandre)

Em relação à organização da escola em ciclos algumas crianças demonstraram entender ou ter noção de sua finalidade, talvez a presença no contexto escolar e situação de suposto fracasso sem a condenação à reprovação esteja contribuindo para terem uma mínima compreensão do que significam os ciclos de aprendizagem: Sobre a escola que freqüentam e sua atual organização algumas crianças comentaram de modo polariza duas favoráveis e uma contra a escola em ciclos:

Eu acho que ajuda, eles vão estudar mais...(Robson)

Assim a escola ajuda, porque ele vai aprender mais, por que se um

aluno não passa é porque ele não sabe ler, não sabe escrever...(Robson)

Não. Porque um exemplo né, reprovado ai a pessoa só vai ficar nesta mesma segunda, na mesma, ate não querer mais, ai quando eu não souber mais aprender ainda, daí não tem como, vou passar. meu irmão mesmo ele já é grande já ta na quinta serie, eu queria estar lá com ele... (Caroline)

Escola e perspectiva de futuro

Em relação às representações de escola e sua relação com o futuro percebe-se mesmo que de maneira discreta que as aprendizagens escolares favorecerão a melhoria de vida e ascensão. A aprendizagem, até mesmo pra quem não obtém sucesso escolar, constitui-se com um distintivo importante para vidas social. Quem aprende, nas representações da criança possui melhores condições de vida. Sobre a aprendizagem elas afirmaram:

[...] quem não estuda fica burro e isso é ruim ... por que é muito feio num ler num escrever e as pessoas não aprendem assim... e se não passar ai o pessoal fica rindo da pessoa.. eu mesmo nesse dia eu não passei de ano daí eles ficaram rindo de mim, é porque eu fui retida por falta.. ai eles ficam rindo ai é muito feio eles não aprendem. (Mariana)

Por que é bom pra aprender, pra crescer na vida e pra arrumar um emprego melhor.... pessoa pode ler os números e pode fazer umas conta e.... deixa eu ver..porque quando a pessoa quer fazer uma coisas assim, tipo, pagar uma coisa assim, ai ela conta o dinheiro. Um exemplo, se eu fosse

trabalhar em um mercadinho ou em uma loja e eu não soubesse fazer, não tinha como eu ganhar meu dinheiro, mas se eu souber conta tem como fazer. (Caroline)

[...] ficar sabida, ela tem que saber tudo, porque se alguém perguntar uma coisa você vai saber responder e quem não sabe fica burro, não sabe de nada (Roberta)

Daqui a trinta anos se eu continuar aqui vou ta bem esperta, muito da sabida, ganhando muito dinheiro. (Caroline)

O que se destaca nos achados deste estudo são as semelhanças entre a essa representação social positivada de escola e aprendizagem das crianças que estão consideradas em condição de fracasso na escola pública e outros estudos que enfatizaram a representação social de escola entre estudantes. Lins e Santiago (2001), por exemplo, demonstram que adolescentes de escola pública têm na escolarização a perspectiva de mudança. Para esse grupo de estudantes a escolarização é tomada como “a receita” para superar as adversidades e ter uma vida melhor. Estudo de Franco e Novaes (2001) em com alunos de ensino médio da cidade de São Paulo, indicou representações de escola centradas na esperança e possibilidade de acesso a um status social reconhecido, bem como empregos mais qualificados.

O estudo de Barra Nova (2011) revelou que, nas representações das crianças, a escola estaria objetivada como um portal,

fonte para uma melhor condição de vida. Nesse sentido, a escola seria uma instituição supervalorizada, por meio da qual se alcançaria um futuro promissor. Também, pesquisa anterior desenvolvida por Machado (2011), indicou que atrelada às possibilidades de garantir aprendizagem da leitura e escrita, ascensão social e suprimento das necessidades básicas de sobrevivência no futuro povoam o universo representacional de escola das crianças.

A segunda fase da pesquisa foi bastante esclarecedora em relação às expectativas que essas crianças e suas famílias depositam na escola. O contato com os pais e responsáveis mostrou em quais contextos e sob quais influências essas representações estão sendo construídas. Todos os pais e responsáveis revelaram dar valor a escola e estimularem as crianças. Não depositaram o papel de educar unicamente a instituição escolar, como se costuma ouvir dos profissionais da educação, mas demonstraram que a responsabilidade pela educação da criança deve compartilhada entre família e escola. Eis o que colocaram alguns pais e responsáveis entrevistados:

Eu acho que a principal função da escola é educar e ensinar. Os pais também tem essa função, eu acho que na realidade os pais são os principais e assim, as tarefas que é levada pra casa pra fazer mesmo (pai de Mariana)

[...] porque pra mim escola é educar e ensinar, é as duas coisas

né , é a educação e o ensinamento , as a educação continua em casa sabe , por isso. Por isso assim eu não sei ler , nem escrever direito , o que eu escrevo não sei ler , mas eu sempre estou ali , quando chega da escola eu sempre to vendo o que tem no caderno dele, então quando eu venho logo buscar ai eu já pergunto logo no meio do caminho, eu faço olhe: *tem tarefa? ai meu filho ele já nega diz que não tem , ai quando eu vou olhar lá na bolsa tem tarefa.* (pai de Felipe)

eu acho assim que eu aprendi muita coisa assim também fora da escola , e como tem um ditado é que o mundo ensina eu digo que foi fora da escola que eu aprendi a viver, mas eu quero que ela seja diferente (pai de Mariana)

Eu acho que é como se fosse a segunda casa do aluno sabe, porque sabe que tem que educar[...], tem que não deixar ir pra rua. A família tem que colaborar também com certeza só que eu como mãe não tenho tanto tempo de dar ensinamento pra ela porque eu trabalho... (mãe de Roberta)

Poderíamos afirmar que o auxílio ou suporte que as famílias oferecem às crianças está relacionado à forma foram educadas e às dificuldades recorrentes da baixa escolaridade e das limitações impostas pela luta para sobrevivência. Embora valorizem a as famílias reconhecem que nem sempre estão em condições de participar e cooperar com a criança em situação de fracasso. Mesmo assim tentam participar. Eis alguns dos testemunhos dados pelos familiares a esse respeito:

[...] quando eu chego é que eu tenho que tirar um tempinho pra

poder mandar ela pegar o livro , eu falo: pega o livro né, daí ela diz, mas eu não sei fazer direito , daí eu digo , mas mesmo assim você pegue ele , vai passando as folhas , daí você vai vendo e vai aprendendo , agora se você não pega ele você nunca vai aprender porque eu sei que ela tem vontade de aprender mas só que não se interessa né, o problema é que a maioria do tempo ela tá só. (mãe de Roberta)

Eu não tenho muito estudo não. Estudei só até a segunda série, mas a Quanto tem reunião lá na escola eu sempre vou, de vez em quando eles me chamam quando não tem reunião, porque as vezes quando ele apronta aí eles me chamam (tio de Robson)

Mesmo com certo empenho demonstrado para garantir que os filhos freqüentem a escola alguns dos responsáveis parecem estar cientes de que as crianças enfrentam dificuldades.

Comentaram:

[...] eu passo o dia no trabalho ai eu digo fica estudando menina, mas só que ai eu não to em casa entendesse? E então ela nunca fica estudando quando eu mando, o negócio dela é só brincar sabe.(mãe de Roberta)

[...] Olhe, pra mim ele não aprende nem fora nem dentro da escola. Porque ele quando tá em casa não estuda e na escola ele não é muito bom não no que faz. (tio de Robson)

O que pudemos depreender dos depoimentos dos pais e responsáveis é que eles valorizam a escola, procuram participar, admitem que existem outros espaços de aprendizagem além do escolar e se empenham como podem garantir educação escolar dos filhos. Certamente as

posturas e condutas que esses adultos revelam frente as crianças são referentes para a construção de representações sociais tão positivas em relação à escola, ao ensino e ao futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de ciclos de aprendizagem como uma alternativa de regularização do fluxo escolar, instiga a reflexão sobre seus desafios abrangendo os atores educacionais que compõem a escola e suas práticas. O relatório aqui apresentado focalizou a escola e aprendizagem na perspectiva de quem não apresenta bom desempenho escolar. Sabe-se que garantir o efetivo direito à aprendizagem ainda é algo um pouco distante do real, principalmente para indivíduos socialmente desfavorecidos.

Ao mostrarmos quem são as crianças em situação de fracasso na escola pública e suas representações de escola e aprendizagem, apresentamos indicativos do que esse grupo espera da instituição e das políticas públicas, em particular. Quanto às famílias, o revelou como elas vêem, sentem, o que temem e desejam da experiência escolar dessas crianças. Assim como as crianças, as famílias depositam na escola de seus filhos a esperança de uma possível ascensão social dos mesmos.

Os resultados desta pesquisa permitem afirmar que crianças em situação de fracasso escolar, de modo semelhante aquelas

que obtém sucesso, ensejam um tratamento pedagógico adequado, valorizam as atividades e aprendizagens escolares, bem como depositam grandes esperanças na escola e em seus professores. O mesmo conteúdo representacional foi identificado junto às famílias. Assim, a escola e em particular, a instituição organizada em ciclos, que assume um discurso democrático, deve estar atenta ao que povoa o universo simbólico dos estudantes e suas famílias. Não basta a garantia de acesso e permanência na escola, é preciso fazer com que as crianças efetivamente aprendam.

Concluimos nosso estudo defendendo pais e alunos revelam uma representação social bastante promissora e positiva para com a escola.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. Abordagem estrutural das representações sociais. Trad. Pedro Humberto de Faria In: MOREIRA, A S. P. BRITO, R. S. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar de meninos. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, jan p. 129-149, jan/abril 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1997

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional: nº9.394** de 20. 12. 1996

BARRA NOVA, T. de B. **A escola para crianças da rede pública de ensino: um estudo de representações sociais**. 2011. 223 f. Dissertação (mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE, 2011.

CARVALHO, J. S. F. de. A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico. In: **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 2011, 22(3), p. 569-578.

CHARLOT, Bernard. **Sucesso e fracasso escolar: visões e proposições**. In: _____. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DURAN, M. C. G; PALMA FILHO, J. C.; ALVES, M. L; Ciclo básico em São Paulo: memórias da educação nos anos 1980. In: A organização do Ciclo Básico e a concepção de alfabetização : memórias .São Paulo; Xamã, 2003 . p 59-81.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: _____. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo. EPU. 1986. (p.11-44).

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do Ensino Médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p.167-183, 2001.

LINS, C. P. A.; SANTIAGO, M. E. (2001) Representação Social: educação e escolarização. In: MOREIRA, A. P. S. (Org.). **Representações sociais**: teoria e prática. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p 411-440.

MACHADO, L. B. A dimensão simbólica de escola para crianças. **EccoS**, São Paulo, n. 25, p. 143-158, jan./jun. 2011.

MACHADO, L. B. Eles “passam de bolo” e ficam cada vez mais analfabetos: discutindo as representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, pp. 111-128

MACHADO, L. B.; ANICETO, R. de A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro - RJ, v.18, n.67, 2010. p.345-363.

MACHADO. L. B.; FREIRE, S. B. Representações sociais e práticas de sucesso entre alunos nos ciclos de aprendizagem. **Relatório parcial de pesquisa PIBIC-FACEPE**. 2012 (não publicado).

MAINARDES, J. Reinterpretando os ciclos de aprendizagem. In: _____. **O contexto de influência e o contexto da produção de texto: o processo de configuração do projeto ciclos de aprendizagem**. São Paulo: Cortez. 2007.p. 93- 116.

MAINARDES, Jefferson. A Organização da escolaridade em ciclos: ainda um desafio aos sistemas de ensino. In: Franco, C. (org.) **Avaliação, Ciclos e Promoção na Educação**. Porto Alegre, Artmed, 2001, p.34-54.

MARTINELLI S.C. & GENARI.C.H.M. Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais. In: **Estudos de Psicologia**, 14(1), Janeiro-Abril/2009, 13-21.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: historias de submissão e rebeldia. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 9-75, 1990.

RECIFE, Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. **Proposta Pedagógica da rede municipal de ensino do Recife**: construindo competências. Recife. 2002
RECIFE. Secretaria de Educação. Diretoria Geral do Ensino. **Lista das Escolas Municipais da cidade do Recife**. 2010. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/seceducacao/sepe/index.php>> Último acesso em: 18 dez. 2012.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Rio de Janeiro. Vozes. 1996.

TURA, M. de L. R ; MARCONDES, M. I. O mito do fracasso escolar e o fracasso da aprovação automática. **Cadernos de Educação**: FaE/PPGE/UFPel Pelotas [38]: 95-118, janeiro/abril 2011.